

ORREPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tip. Minerva Vimaranesse

Centro Democrático Vimaranesse

REDACITOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

A Obra da Republica

«A proclamação da Republica foi, sobretudo, uma afirmação da energia nacional; a Republica significou, para muitos que para o seu advento em nada directamente contribuíram, a possibilidade de uma esperança fundamentada na marcha ascensional de nacionalidade para altos destinos, o despertar das forças latentes nas profundas camadas nacionais. A grande raça portuguesa, que por largos anos iluminou o mundo com o fulgor da sua obra audaz e civilizadora, mostrava-se possuída de uma vitalidade capaz de resistir ao que se opunha ao desenvolvimento integral da sua actividade. Terminada a prolongada guerra com a Espanha, consolidada a nossa independencia, ainda que desfalcados de possessões que ao nosso denodado esforço deviamos, Portugal pareceu ignorar uma finalidade e, salvo o curto periodo em que dominou Pombal, a nação adormeceu numa modorra anunciadora de morte, apenas cortada pelas esteiras convulsões politicas da primeira metade do seculo XIX, isolada na sociedade das nações, sem um corpo de doutrinas que o norteasse. Se os dirigentes, alheados do sentimento nacional, ao acaso dos dias vegetavam em polemicas pessoais, na massa popular tomava consistencia a vontade de viver, a resistencia ao suicidio lento e deshonroso que a inconsciencia e o scepticismo preparavam seguramente. A Republica não desmentiu a esperança com que a saudamos na sua maravilhosa alvorada. Profundamente nacional, não possuindo outros interesses que não fossem inspirados num ardente amor da Patria e na sinceridade da crença nos principios democraticos, entre as fatais incertezas e sobresaltos dos primeiros tempos, norteou a sua acção, definiu os seus desejos, praticamente começou a realizar a grande obra de emancipação e regeneração nacionais.

São patentes os resultados. Quer nos primordiais problemas internos, quer nas relações internacionais, a Republica provou ser a lucida representante das aspirações portuguesas, executando com intelligencia, entre obstaculos por vezes poderosos, o plano traçado. Começada a revolução na ordem juridica pela publicação das amovaveis leis de familia, que protegem a mulher e os filhos, dignificam o lar, libertam o homem, declarada a supremacia do poder civil pelo decreto-lei de 20 de abril, que coloca o Estado neutro acima das confissões e estas livres numa plena actividade espiritual, sem entraves de nenhuma especie, senhoras da sua hierarquia, da sua disciplina e doutrina, apenas com as leves restricções necessarias para a defesa da sociedade civil, a Republica lançou as bases da reorganização do exercito, que, não pelo valor dos homens que o compunham, mas pela escassez dos

meios, dera em Trajouce as provas terminantes da sua insuficiencia, quer para ataques improvaiveis, quer como instrumento de defesa a offensivas sempre possiveis. Mas a actuação de qualquer medida de grande alcance, já sob o ponto de vista do fomento, já na valorização do pais nas relações externas, dependia essencialmente do saneamento das finanças, que da monarquia herdámos em circunstancias tais que os proprios monarchicos repetidas vezes profetizaram a bancarrota imminente. Esse esforço grandioso, que demandava uma energia sem hesitações, acendrado patriotismo e qualidades raras de estadista, foi a obra do grande ministro das finanças de 1913, que equilibrando o orçamento, pondo boa ordem nas nossas contas, acabando com antigos erros e abusos inveterados, firmou o credito abalado do pais nos meios estrangeiros, tornou possivel a politica do fomento que lhe foi paralela, o inicio das grandes obras de valorização da nossa riqueza, *outillage* dos portos ameaçados pela concorrência estrangeira, complemento da insufficiente rede ferro-viaria, desenvolvimento do credito agricola, etc.

Republica democratica, que no povo se apoia e para elle vive, introduziu na repartição do imposto a justiça que não existia, reformando a contribuição predial, de maneira a pedir o sacrificio a quem elle menos affectava, aliviando os pequenos proprietários, isentando aquelles cuja terra, pela escassez do rendimento, poderia equiparar-se a instrumento de trabalho da parquissima remuneração. E os operários sentiram a benéfica influencia da legislação republicana em varias medidas promulgadas, entre as quais a vultosa lei dos accidentes de trabalho, do sr. Estêvão de Vasconcelos. Nas relações internacionais, a Republica tornou mais intima e mais proficua a aliança Inglesa, pôs completamente de parte o sistema ambíguo das amizades contrárias, que se anulavam e podiam representar perigos dos dois lados, e ao explodir a terrivel conflagração, pela unanimidade dos seus representantes, colocou-se ao lado da Inglaterra e das potências civilizadas, que representam o Direito, a Liberdade e a Justiça, e da sorte futura das quais depende a própria sorte. Prepara-se a Republica para a guerra, não por tendências belicosas, que as não possuem as democracias, mas pela consciencia de que o interesse e o dever nacionais exigiam os sacrificios necessários nos campos de batalha, que iamos construir ali, cimentado com o sangue dos portugueses, o futuro luminoso a que a nossa história nos dá direito. A obra da Republica, em politica internacional, foi iniciada desde o primeiro momento. A intelligente e patriótica actividade do sr.

dr. Bernardino Machado no ministério dos negócios estrangeiros conseguiu-nos imediatamente uma situação, estreitando relações que quasi não existiam, para beneficio da economia nacional e prestigio do nome português.

A enfeudação económica e politica a Alemanha que o desgraçado tratado de 1908 facilitara, sofreu um rude golpe com os acordos concluidos. A nossa politica intelligente, honesta, tradicional, unica proveitosa para o pais, permitiu a conclusão do tratado de comércio com a Inglaterra, durante cerca de meio século vamente tentado pela monarquia com os fatais colapsos de uma diplomacia quasi sempre inerte e sem segura orientação. A obra interna da Republica foi a da concórdia, a do chamamento de todos os portugueses à colaboração no progresso nacional. Nenhuma lial cooperação honesta foi recusada, nenhuma foi perseguido por

ter sido monarchico, apenas serenamente e sem odio se defendeu a Republica nos momentos em que perturbaram violentamente a vida nacional que carecia de tranquillidade para refazer-se de um tam longo periodo de má administração, de desesperança que impedia a expansão das iniciativas.

Em seis anos, que não foram sempre serenos, a Republica, pelo patriotismo da sua orientação, pela fé nos altos destinos de Portugal, radicou-se, está forte, resistindo a todos os ataques, porque ella é hoje a expressão juridico-politica da alma popular. Em volta dela, na hora grave que vivemos, em que noite tempestuosa se engendra um mundo novo, todos os portugueses se teem de agrupar, sem condições, lialmente, para bem da Patria.»

HENRIQUE DE VASCONCELOS.



De volta ao lagar

(Georgica)

Na testada dos bois, o moço lavrador
Faz um aceno, e pára o carro gemedor.
Tira o amplo sombreiro, e co'as costas da mão
Limpa as bagas da fronte. E' fraca a viração.
Dentre a camisa aberta, atenta-se robusto
O peito juvenil do primoroso busto!
Foi bravia a ladeira! A dorna, trasbordante!
Tôdo em suor o gado, apesar de possante!
Fins de setembro já; porem calmoso o dia!
Debaixo dum chorão referve a fonte fria!
Arqueja o lavrador de sêde e de fadiga.
L'ô-lhe o cantaro à bôca esbelta rapariga.
Tentadora mulher, viva como uma estrela!
O seio, aquele mar de duas ondas tumidas,
Palpita-lhe feliz na virginal procela!
Ele bebe, e matando a sêde d'agua, cresce-lhe
Mais a sêde do amor, cravando os olhos nel!

BULHÃO PATO.



O destino da Austria

Passou o segundo ano da guerra formidável desencadeada pelo ultimatum do imperador-rei da Austria Hungria aos Sérvios. Repelidos da Itália, os exercitos de Francisco José fôram postos em fuga na Bukovina, na Galicia, na Wolhynia. Dêsde os Carpathos, onde aparecem os Cosacos russos, até ao Pripet, os Hungaros tremem; os Slavos do império do Danubio, que os magnates de Budapest haviam para sempre arruinado, voltam à esperança. Os Latinos do Trentino puderão vingar Battisti. Ao impulso dos Russos e dos Italianos, o edificio da monarquia dualista parece abalado nos seus mais profundos alicerces.

Faz breve dois séculos, 1 de novembro de 1740, que os francêses recebiam com agrado a noticia da morte do imperador da Alemanha, soberano da Austria e da Hungria, Carlos VI, cuja unica herdeira, chamada a sustentar a fortuna da grande monarquia dos Habsbourg, era uma palida donzela de vinte e três anos, Maria Tereza.

Julgavam chegada a hora do desmembramento da poderosa casa de Austria que, depois de Carlos V, no centro da Alemanha, estmagava e ameaçava com ambições mun-

diais as nações, sobretudo a França.

«O maior acontecimento, diziam á porfia a côrte e Paris pela voz d'Argenson e do advogado Barbier, que pode haver até á consumação dos séculos, e em tôda a Europa, é este: o Imperador morreu! Tôdos entre si querem dividir os Estados austriacos.» E com efeito Maria Tereza viu-se completamente cercada. O primeiro que se precipitou sobre os despojos, foi um Hohenzollern, naturalmente, Frederico II: «Quando se está na posse dum país, trata-se muito melhor da sua cessão que por intermédio de negociações.» Ocupando a Silésia sem direito, o rei da Prussia preparava a paz honrosa que obteve em Breslau em 1742. Ao mesmo tempo eram Farnese, apoiados de Napoleos sobre a Espanha que, com o auxilio de Luiz XV, tomavam a Maria Tereza a Italia. A França disputava-lhe a Alemanha e os Países Baixos. Tendo apelado para os seus súbditos, os Hungaros especialmente, aos quais confirmou os privilégios, para o eleitor de Hanovre, rei de Inglaterra, a imperatriz fez frente á tempestade virilmente. Negociou principalmente. Obteve que Frederico II, prêsso e conse-

lhado pela Inglaterra, abandonasse os aliados, e assim ella salvou, em 1748, e consolidou o essencial da monarquia por um instante ameaçada de total ruina.

Em 1756, a imperatriz negociava melhor ainda: com os conselhos do principe de Kaunitz, conseguia formar contra o rei da Prussia, com o rei de França até então inimigo hereditario, e a tzarina Elisabeth, uma coalisção tão poderosa que em 1759 a fortuna dos Hoenzollern parecia naufragar para sempre. A Providencia, de que elles são os eleitos, fez «um milagre pela casa de Brandebourg»: deu-lhe em 1762 a aliança russa que a salvou. Maria Tereza perdeu assim definitivamente a Silésia (1763), sem a esperança de a reaver um dia.

Dez anos mais tarde, voltou-se para Frederico II, que a tinha querido arruinar e que ella esperara destruir. Esquecendo os antigos agravos, associaram-se para «comungarem o mesmo corpo eucarístico, que era a Polónia, se não para o bem de suas almas, para o de seus Estados.» A conquista, sem direito e sem esforço, duma boa parte da Galicia reparava de sobejo a pèrda da Silésia. A virtuosa imperatriz justificava-se perante a sua

consciencia escrevendo as *Je-remiadas* sobre a dura necessidade do roubo. «Chorava, mas ia furtando sempre.» Em 1778, fez com que os Turcos — «para que os apasiguasse com Catarina II» —, lhe cedessem a Bukovina. O que não impediu seu filho, o imperador José, discípulo de Kaunitz também, de conspirar durante dez anos com a tsarina a partilha da Turquia.

O famoso príncipe Eugenio, o adversário de Luiz XIV, o mais firme auxiliar de Carlos VI, quando via o mestre negociar antes da morte com as potencias a promessa que elas garantiriam a sua filha a sua herança, teria dito: «Com mil homens garantiam-na melhor que cem mil tratados.» Maria Tereza defendeu-se o melhor que pôde e bem. Refez os exércitos, as finanças. Negociou muito mesmo, e tão felizmente que, á sua morte, todos os projectos de partilha da Austria se tinham desfeito. Deixava o império quasi maior do que o tinha recebido. Quanto aos meios era «negócio entre ela e o confessor», como dizia Frederico II.

Ora, tinha ela morrido ha dez anos, quando os francezes obrigaram Luiz XVI, seu genro, a declarar guerra á Austria. Tiveram ainda, com Dumourier em 1792, a esperança de que chegara o momento de arruinar os Habsbourg, de lhes tomar a Belgica sublevando os povos contra os chefes «da liga despotica e eclesiastica». Jemmapes seguiu de perto Valmy. Houve, é certo, Nerwinden em 1793, mas houve Fleurus no ano seguinte. Em 1795, a Revolução victoriosa tomara aos Habsbourg os Países Baixos, a margem esquerda do Rheno. Em 1796-1797, armada com o genio de Bonaparte, quatro vezes vencedor da sua resistencia obstinada, arrancava-lhes a Italia do norte.

Todos os dominios exteriores do imperador Francisco II lhe escapavam: aproximava-se o momento em que, para lá do Rheno, em Rastad, a Republica e Bonapart iam decidir contra elle da sorte da Alemanha.

Emile Bourgeois

Professor de Historia Diplomatica na Sorbonne

(Continua.)

Dá neste momento ao mundo atento um admirável exemplo. E nós sentimos pessoalmente uma tanto mais viva necessidade de o constatar quanto é certo que já apreciamos sem benevolência a politica interna deste país. As balbuciações do regime republicano nos seus principios, as rivalidades dos politicos, os excessos dos sectários eram de molde a duvidar-se do seu futuro, mas deve reconhecer-se que a guerra transformou a situação da maneira mais feliz.

Portugal é um dos povos latinos que podem por vezes, no curso ordinário das coisas, sacrificar-se á doce anarquia que é o pecado venial da raça. Mas venha a tempestade com a eclosão de heroismo que ella exige e veem-se estes povos que os homens do norte, mais ponderados, escarneciam com piedade elevar-se dum salto ás maiores sublimidades.

Como escrevia justamente em tempos M. Marius Leblond no *Paris-Midi*: «Dai aos Portuguezes mais divididos um fim desinteressado a atingir, a união realiza-se imediatamente. Ha mais consistencia do que se imagina no caracter da encantadora nação, cáline, bastante sensual mas singularmente afectiva que põi muito amor, mas muita fraternidade também na vida pública e internacional.» A guerra actual e o papel que nela desempenha Portugal confirmam a excelente definição dada por M. Marius Leblond. Quando tantos pequenos Estados faltaram á sua missão antes cem vezes que uma dêsde Julho de 1914, Portugal, com um critério muito justo do seu interesse material e do seu dever ideal, não conheceu tréguas nem repouso antes de entrar na luta ao lado dos defensores da Liberdade e da justiça.

Não obstante os conselhos interessados prodigalizados em Lisboa, Portugal rompeu altivamente com a Alemanha. E eis que não é possível que um exercito portuguez (o caso hoje está definitivamente resolvido, aliás) venha combater breve em qualquer ponto da frente europeia (na frente occidental, como se vê dum importante entrevista d'«O Primeiro de Janeiro» e das afirmações do sr. Dr. Afonso Costa, Ministro das Finanças a um director da *Atlantida*). Nesse dia Portugal realizou um dos actos mais elevados, mais generosos da sua historia, em que ha tão belas páginas. Nesse dia Portugal tornou-se o maior povo da península ibérica. Enquanto a Espanha, hipnotizada pelo que julga ainda ser a força, entredida no seu erro lamentavel pelos seus guias espirituais, se compraz numa germanofilia incompativel com as suas nobres tradições, Portugal, mais nôvo e mais ousado, rejuvenesce-se ainda na trágica e sublime epopeia em que o mundo joga o seu destino. Portugal, de toda a maneira, será recompensado.

Assegura assim a posse das suas colonias africanas, ferteis territorios—Angola, Moçambique,—que não contam menos de oito milhões de habitantes enquanto Portugal não tem mais de seis milhões. De todos os territórios africanos ambicionados pela Alemanha, as colonias portuguezas eram o mais desejado. Que um povo «decadente» como Portugal conservasse as suas colonias, parecia-lhe simplesmente monstruoso.

Querem saber o que pensava o mais tipico dos autores pangermanistas, M. O.-R. Taunenberg? As colonias portuguezas inspiram-lhe (pag. 277 da *Plus grande Allemagne*, tradução editada por Payot) considerações de alta filosofia—:

«A vida no domínio da alta politica, escreve o inefável Taunenberg, assemelha-se á que se agita numa gota de agua muito corrompida. Um observador superficial e ignorante nada mais vê nesta gota que naquela, quimicamente pura, que caiu do céu em forma de orvalho. Mas se aumentarmos pelo microscópio a imagem da gota corrompida vemos com espanto uma infinidade de monstros lutando, os maiores devorando os mais pequenos. Mas entre os pequenos ha também monstros infames que roem os braços e as pernas aos maiores que elles. Aumentam e engordam rapidamente. Devorar e ser devorado eis o estado continuo.»

Saudêmos esta página significativa, renda-se homenagem á *filosofia de apache* (sic) que nela se contem e que Taunenberg aliás desenvolve com uma completa ausencia de vergonha. Para elle como para o historiador Oucken

e como para os três quartos dos intelectuais alemães, os pequenos Estados são parasitas e vibrões que os grandes teem o direito, ou antes e melhor, o dever de destruir.

Portugal, para Taunenberg, era um dêsse pequenos Estados, devendo a Alemanha apropriar-se o mais rapidamente possível da sua substancial medula. As suas colonias deviam pertencer ao povo alemão.

O governo de Berlim, que renegava os pangermanistas, mas executava humildemente as suas vontades, tinha, de resto, tudo preparado para a conquista. A ponta que o Sudoeste africano alemão prolonga até á margem do Zambeze, as negociações arrancadas por Berlim á certas complacencias

inglesas atestam a voracidade germanica e a sua impaciencia. A Alemanha não cubicava menos ardentemente Angola e Moçambique do que o Congo belga.

A vitória dos Impérios Centrais seria o sinal do desmembramento das colonias portuguezas. Hoje uma tal hipótese deve considerar-se afastada. Tomando parte, na frente europeia, na guerra mundial Portugal corre pelo contrario o risco de ver os seus territórios africanos engrandecidos amanhã com alguns pedaços germanicos. A «Justiça imanente nem sempre é uma fórmula ôca.»

Ribeirinho, ribeirinho,
O que vais tu a murmurar?
P'ra que enches de lama o caminho,
Por onde eu tenho de passar?

TIPOS DA SOCIEDADE

O má língua

II

¿Quem o não distingue nos conciliábulos da sombra, nos conclaves da intriga e no revoltear dos mexericos em soalheiro—uridindo, emaranhando, trapasseando?

¿Quem o não lobriga de orelha hirta, venta farejante, pé leve,—aqui, ali, acolá, metediço e alviçareiro?

Com forma humana no exterior, o Má língua é todavia um exemplar da espécie dos parasitas: um roedor. E que roedor! Honra a mais nobre; pudor o mais belo; inocência a mais casta; tudo conspira o seu monco bilhoço de reptil.

Filho mais velho da desvergonha e do descaró, o Má língua foi gerado no charco social onde coaxam as rãs da ociosidade e da maldecência. A mentira e o exagêro fazem os seus domínios.

Mirando a vida atravez um cano de esgôto, seu gáudio máximo é bacurejar na roupa suja dos lares, é refocilar no fóro secreto das consciências—cortando como um magarefe, mordendo como um sandeu.

Para melhor atingir o seu fim o Má língua organisou clubs, fundou jornais, creou prosélitos. Foi após esta obra de propaganda e de iniciação que o Má língua experimentou as primeiras solidariedades e colheu os primeiros aplausos. Foi, numa palavra, só depois dêstes triunfos que o Má língua assegurou a sua carreira, fez opinião, principiou de ser alguém.

Haja agora damocleana espada que lhe toque: chamem-lhe, por ex., Má língua! Logo verão surgir dentro dêle o monstro do Apocalipse, com sete cabeças córneas e outras tantas linguas, vomitando lava, como conta a lenda do profeta biblico. ¿E' de fugir, em tal caso! Coleando-se artementamente pelas cavernas de caco, serpenteando se ardidosamente pela roda das comadres, pouco e pouco o monstro vai lançando á vitima os farpões da sua cólera, e, quando a tem bem segura, mutila-a, esfaca-la, esfarrapa-a; Ai! em tal caso é pior que uma fúria, pior que uma vibora, muito pior que mil demónios!

Contudo o Má língua é um mixto de poltrão e de miseravel. Extranho á menor noção de responsabilidade, elle, o vil safado! só levanta barricadas no diz-se de conta alheia, confiante assim da impunidade. E quando succede ser topado de frente, bem de frente, logo o vereis em subterfúgios para uma escapoliçela infame, como uma coisa viscosa e reles.

Se algumas vezes teima e jura é pela bôca grande de toda a gen-

te. Ou não fôsse condicional a sua audácia.

Sem descanso nem fadiga, a sua cruzada toca todos os pontos do globo, fala todos os dialectos, entra em toda a parte, tem audiência em todos os centros de reunião e de cavaco. E quando lhe succede não poder ir onde deseja, manda. Quem? A carta anónima. Com ella fêz o Má língua um pacto. Pelo prestigio dissolvente, mas enorme, desta emissária da desordem, conta o Má língua ganhar um lugar no seio da immortalidade... onde estão, de salmoura, todos os linguas viperinas seus parentes.

Entanto o Má língua seguirá ousado o seu caminho, proseguindo na sua obra de arqui-pandilha. O seu estofo moral cabriolará no pandemónio dos tarados sem vergonha. Ou elle não fôsse o prototipo do cara de estanho. Pode variar de tática, pode variar de lugar: do que não muda é de propósitos. Basta dizer-se que o Má língua é tam profunda e nativamente Má língua, que, até mesmo quando já não tem de quem falar... diz mal de si próprio. De outro modo não seria quem é—um Má língua sem trave nem concôrto.

Que digo! ¿Pois será licito deixar o tarmeleiro atrevido á rédea solta? ¿Quererá «o língua de prata» ter as hossanas devidas a S. Cristóvam, «o bôca de ouro»? ¿Fará jus acaso a uma estátua, como empedador mór da casa, do bairro e da cidade mais bem alicerçada?

Oh! não pode ser... por muito que pese aos partidários do Má língua. Em primeiro lugar urge encarcerar o Má língua na Bastilha do descrédito. Ao seu lábaro da guerra—a tesoura e o serrote—lancemo-lo por terra, punhamo-lo em pedaços. Para isso venham á liça saneante todos os Pedros Ermitas de boa vontade e alma limpa. Não frequentes os seus clubs, não assinemos a sua imprensa, corramos do nosso convívio os seus prosélitos. Isto feito, digamos ao modo do grande general romano, agitando no espaço... um açamo:

—¿Com este símbolo venceréi!

Embora o Má língua, em seu extertor final, vá dizer mal de nós aos deuses vingadores.

A. L. DE CARVALHO.

A mulher, que tem a virtude do coração, deve evitar o ciúme do homem, ainda quando elle não tenha razão de ser.

De MIRAMOND.

Noticias das Caldas das Taipas

Há muitos anos que nesta atraente estância termal não tem havido uma frequência de aquistas tão numerosa e tão distinta como a do corrente mês de Setembro. Todos os hotéis e casas particulares estão repletos de familias da mais distinta sociedade.

A animação é extraordinária. Sucedem-se as diversões sem interrupção; nos hotéis dança-se animadamente até altas horas; e diáriamente vimos assistindo a interessantissimas festas. A pretérita semana foi incontestavelmente uma semana cheia de encanto e atração. Na quinta-feira realizou-se um passeio ao pitoresco local da Insua, promovido pelo nosso amigo, sr. Lourenço Braga, proprietário do Hotel Braga, sendo servido um opiparo jantar. Esta diversão, em que reinou sempre a mais franca alegria, foi aí abrilhantada por uma banda de música, fazendo-se o regresso, já de noite, com uma interessante marcha luminosa e fogo de artifício. Nela tomaram parte as ex.^{mas} sr.^{as}.

D. Ana Cunha, D. Gloria e D. Maria Amélia Cunha, D. Lodovina Guimarães, e os ex.^{mos} snrs.: Augusto Figueiredo e Esposa, Bruno Mendes e Esposa, Artur Marinho e Esposa, Dr. Alfredo Fernandes e Esposa; Alberto Felício, Luís Gonçalves de Oliveira, José e Mauricio Esteves, António Pinto, João Sampaio, Ferraz Costa, Alberto Magalhães, Apibal Viana, Crespo Guimarães, José e Lourenço Braga, etc.

No sábado nova festa veio despertar a alegria da povoação. Foi esta promovida pelas illustres familias Magalhães, Dias da Costa, Figueiredo e proprietário do Hotel Vilas, sr. Francisco de Oliveira, que aos convidados serviu um excelente jantar num atraente cantinho espreitando o rio Ave e denominado a «Tarroçeira». Ao Champagne trocaram-se affectuosos brindes. O regresso ao hotel fez-se em carros artisticamente adornados e iluminados, queimando-se em grande profusão fogos de bengala e artifício enquanto uma banda de música convidava á folia.

O entusiasmo prolongou-se até horas avançadas da noite, dançando-se animadamente no hotel, onde foi servido chá ás Ex.^{mas} Senhoras que com seus encantos abrilhantavam esta interessante diversão. Além de outras pessoas vimos lá os srs.: António Magalhães e Filhas; Lino Nascimento, Esposa, Mãe e Sogra; Lino Matos Nascimento e Esposa; Matias Esteves e Esposa; Mário Guimarães e Esposa; Angelo Fernandes e Esposa; Dr. Alfredo Fernandes e Esposa; Adolfo de Figueiredo e Família; Francisco Dias Costa, D. Hilda Paz dos Reis; D. Betina e D. Gilda Pereira; D. Margarida e D. Alicé Almeida e Silva; D. Helena e D. Lucília Freitas; D. Maria Jerónima Aragão; D. Adeline Proença; tenente Jorge Dias da Costa; João Sampaio; Marques da Silva; José Ferreira Guimarães; Carlos Ribeiro; Crespo Guimarães; José de Matos.

A mulher avaliada por um sectario de Baccho: «As mulheres são agua na infância, champagne dos 15 aos 25 anos, licôr dos 25 aos 40, vinho do Porto feito em casa dos 40 aos 50 e dos 50 para cima... vinagre.

A mulher formosa agrada aos olhos; a mulher bôa agrada ao coração; a primeira é uma joia, a segunda é um tesouro.

NAPOLEÃO I.

A serpente, depois de ter seduzido a mulher, empresta-lhe a língua.

LA ROCHEFOUCALD.



Portugal no Estrangeiro

Un vaillant petit Etai

Subordinado a este titulo publica a *Gazette de Lausanne* um curioso artigo que merece ser lido, feitas algumas correcções de factos, pelos portuguezes, e vai por isso traduzido nos seus pontos mais essencialmente definidores:

«E' de Portugal que queremos falar.

Souzel, 25.

Pelo administrador deste concelho foi tratada perante o Governador Civil deste distrito a aquisição de rails para assentamento do troço de linha ferrea entre Extremoz e esta vila, cujas terraplanagens devem estar prontas em Outubro. O illustre Governador Civil, acedendo ao justo pedido conseguiu das instancias competentes a boa solução do assunto, estando definitivamente resolvido

que sejam fornecidos para esta linha os rails duma linha do Sul e Sueste, em construção, os quais não podem ainda ser empregados nessa linha a que eram destinados. —Faleceu no dia 18 na Rua Direita a Sr.^a Maria da Exaltação Pena Pacheco, esposa do nosso amigo Sr. Augusto João Ferreira e cunhada do Sr. Francisco Vidigal da Costa e Lima, professor oficial desta vila e farmacêutico. Pesames á familia enlutada. —Já se encontra em construção

o edificio escolar desta vila para ambos os sexos cujas obras foram arrematadas por 7:800 escudos. —Devido a um desastre succedido com uma vagoneta na linha ferrea desta vila, em construção, partiu uma perna por cujo motivo se encontra de cama, um filho de nome João, do nosso amigo Joaquim Cardoso. Desejamos lhe as melhoras.

Correspondente.

Pela policia

O sr. dr. Pedro de Barros (Vila Pouca) apresentou queixa contra um individuo de Guardisela por num pagamento que lhe fez, como sinal duma compra de cereais, lhe ter passado cinco notas falsas de 20000. Como implicados no caso, estão detidos na esquadra policial, alguns individuos da referida freguesia, procedendo-se á necessaria investigação.

Carteira

No hotel da linda estancia da Penha, encontram-se ainda hospedadas algumas familias do Porto e outras terras do paiz. No domingo foi aquella estancia muito visitada, havendo para ali, um notavel movimento de automoveis e outros trens.

Regressaram da Povoia de Varzim, muitas familias que ali se encontravam a uso de banhos.

Daquella praia, devem tambem regressar, por estes dias, o nosso illustrado redactor e distincto advogado, sr. dr. Eduardo d'Almeida e familia.

Reassumiu as funções do cargo de administrador deste concelho, o sr. António Caires Pinto de Madureira, nosso presado amigo.

O distincto Orfeon Povoense, da direcção do sr. dr. Josué Trocado, vem em excursão a esta cidade para o proximo mez de Novembro, realisando um sa- rau no teatro D. Afonso Henriques.

Por falecimento de uma sua irmã, ocorrido no Porto, está de luto o nosso amigo, sr. António da Silva Lima. As nossas condolências.

Foi adiada a excursão do Centro Republicano do Porto, a esta cidade.

Uma mulher sempre é um anjo, mas só depois de o diabo a levar. HOUSSAYE.

O homem que nunca chega a dominar uma mulher, não é amado por ella.

Os homens dizem das mulheres o que lhes apraz, mas as mulheres fazem dos homens o que querem. SIGUR.

Grande Exposição de Arte Decorativa

Efectuar-se-ha no Porto, revertendo o producto em favor da Cruz Vermelha

Com o fim de desenvolver a Arte Decorativa em Portugal realisar-se-ha no Porto uma grande exposição de trabalhos artisticos em que todos os ramos de arte applicada se farão representar. Juntando ao lado artistico o lado humanitario, o producto da exposição revertirá a favor da Ambulancia n.º 4 da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Os trabalhos expostos serão divididos nas seguintes secções: Couro, fonominiatura, pintura, vitraes, metal repoussé, metal cinzelado, fotografia, pirogravura, flores, crisalida, pregaria, bordado a branco, bordado a matiz, bordado a ouro, renda de bilros, filet, renda renascença, moveis, trabalhos de fantasia. Para cada uma destas

secções haverá medalha de prata para o primeiro premio e medalha de cobre para o segundo premio. Foto-pintura, pintura á pena, tarso, esculptolinha (talla geometrica), pirocultura, imitação de faianças, renda de Veneza. Para cada uma destas secções haverá medalha de cobre para o primeiro premio. Alem destes premios haverá um Grande diploma de honra para todo o trabalho que o juri considere digno dessa particular distincção; assim como haverá menções honrosas para os trabalhos que as mereçam. Os premios da secção de pintura e fotografia são apenas conferidos a amadores; os artistas e profissionais que a eles concorram ficam fora do concurso. Dos objectos destinados a serem vendidos, 10% da venda reverte a favor da Cruz Vermelha. Todos os expositores são obrigados a cederem um dos objectos expostos (á sua escolha) para ser vendido ou rifado a favor da Cruz Vermelha depois de encerrada a exposição. Todos os objectos para exposição devem trazer pregado o nome de quem expõe. Haverá dois juris: um para aceitação dos trabalhos, outro para a sua classificação. A entrega dos objectos deve ser feita na sede da Cruz Vermelha, rua dos Martires da Liberdade, 191, Porto, do dia 15 ao dia 26 de Dezembro, terminando o prazo irrevogavelmente no dia 26 á meia noite. Ficam por esta forma convidados todos os collegios (que se podem fazer representar colectivamente), professoras, artistas, fabricantes de moveis, e todas as pessoas cultivando os trabalhos de arte applicada, a concorrerem a este certamen artistico. A exposição abre no dia 31 de Dezembro e conservar-se-ha aberta até ao dia 21 de Janeiro. No dia do encerramento será feita a distribuição das medalhas, diplomas e menções honrosas. Os expositores que desejarem podem enviar os seus retratos para figurarem na publicação comemorativa deste certamen. Quaesquer esclarecimentos mais, podem ser pedidos para a rua 31 de Janeiro, 119, Porto, á sr.^a D. Maria Arade, professora de arte decorativa e enfermeira da Cruz Vermelha, encarregada da organização da exposição.

As mulheres são relógios que se atrasam sempre depois dos 25 anos.

Quando as mulheres não podem vingar-se, fazem como as crianças—choram. CARDON.

ANÚNCIOS

“GOVERNANTA,,
Precisa-se de uma senhora para tomar conta do govêrno de uma casa de pequena familia e que dê boas referências da sua conduta ou pessoa abonatória. Para informações á R. da República, n.º 74.

Casa Penhorista Vimaranense
Fundada em 1880
Rua da República, 144
Guimarães
Leilão de Penhores

Em harmonia com o art.º 1.º do decreto de 1 de Outubro de 1900, faz-se público que, no dia 22 e seguintes do proximo mez de Outubro, se procederá, na sede desta casa, á arrematação de todos os objectos que se consideram abandonados por falta de pagamento de juros. Guimarães, 16 de Outubro de 1916. Os proprietários, Peixoto & Rocha.



NOTICIOSA

Estudantes pobres

Os estudantes em condições de ser subsidiados pelo Estado, para frequentar o nosso Liceu, devem requerer o subsidio, em papel selado, ao sr. Ministro da instrucção, entregando o requerimento na secretaria daquele estabelecimento de ensino, até 31 de Outubro proximo.

Aqueles que já tenham frequentado o Liceu, são dispensados da apresentação do documento comprovativo da sua pobreza, a qual será atestada pela reitoria com informação do respectivo director de classe ácerca do seu comportamento, aproveitamento e frequencia.

Os que de novo se matricularem e requererem o subsidio, tem de juntar ao requerimento atestado de pobreza passado pela Junta da freguesia da sua residencia, e sendo orfãos, documento comprovativo de tal situação.

Associações operarias

No dia 24 do mês findo, pelas 10 horas, reuniram, em sessão conjunta, os delegados da Federação das Associações Operarias, as direcções das mesmas Associações, as direcções dos Centros Socialistas de Guimarães e do Pevidem, os representantes das comissões paroquiais socialistas, bem como os representantes das demais organizações operarias desta cidade e concelho.

O fim desta reunião foi para se tomar conhecimento e trocar impressões, ácerca dos ultimos acontecimentos do Porto e resolver qual o caminho a seguir em face da precaria situação economica em que se encontra o povo trabalhador, motivada pela crise das subsistencias e sua carestia.

Sobre os dois importantes assuntos foram tomadas diversas deliberações com caracter reservado, as quais serão postas em pratica, quando oportunas ou logo que as circunstancias o reclamem.

Trigo, centeio e batata

O inquerito a que na Administração do concelho se procedeu ácerca da producção e existencia do trigo, centeio e batata, deu os seguintes resultados:

Trigo—producção—11675 litros; existencia, 19622 litros.

Centeio—producção—380185 litros; existencia, 308110 litros.

Batata—producção—176406 quilos; existencia, 136059 quilos.

Assuntos militares

Nos termos da circular n.º 21 R, de 14 de Setembro findo, estão sendo reinspeccionados os mancebos recenseados no corrente ano que foram isentos definitiva, temporária e condicionalmente pela junta de recrutamento deste districto e pelas juntas regimentais, e ainda as praças que tiveram baixa do serviço militar por incapacidade fisica desde 21 de Março último até 7 de Setembro findo.

A respectiva junta é composta dos seguintes officiais:—Presidente, coronel Tiburcio de Vasconcelos. Vogais: Capitão Baltazar José Ferraz, de Barcelos, e o alferes miliciano Deocleciano Dias Peixoto, de Cabeceiras de Basto. Dias das apresentações por freguesias:

Dia 4 de Outubro—Abação (S. Cristovão); Abação (S. Tomé); Airão (S. João); Airão (Santa Maria); Atães; Azurem; Barço; Briteiros (Santo Estevão); Britteiros (Santa Leocadia); Brito, Caldas de Vizela (S. João Batista) e Caldas de Vizela (S. Miguel).

Dia 6 de Outubro—Caldelas; Calvos; Cansoso (S. Martinho); Corvite; Costa; Creixomil; Donim; Fermentões; Figueiredo; Gandarela; Gonça; Gondar, Gondomar e Guardizela.

Dia 7 de Outubro—Guimarães (Oliveira); Guimarães (S. Paio); Guimarães (S. Sebastião); Infantas; Infiás, Leitões e Longos.

Dia 9 de Outubro—Lordelo; Matamá; Moreira de Conegos; Nespereira; Oleiros; Pencilo; Pinheiro; Polvoreira; Ponte; Prazins (Santa Eufemia), Ronfe e Sande (S. Clemente).

Dia 10 de Outubro—Sande (S. Lourenço); Sande (S. Martinho); Sande (Vila Nova); S. Torcato; Selho (S. Cristovão); Selho (S. Jorge); Selho (S. Lourenço); Serzedelo; Serzedo; Silveiras; Souto (Santa Maria) Souto (S. Salvador); Taboadêlo; Urgezes; Vermil e Vizela (S. Faustino).

Conforme o edital que foi mandado afixar em todos os lugares publicos da cidade e concelho, foram convocados para serviço extraordinario, os militares licenciados de infantaria 20, dos anos de 1912, 1913, 1914 e 1915.

Foi mandado apresentar em infantaria 20, o medico miliciano, sr. dr. Antonio da Conceição D. M. Paredes, de Terras de Bouro.

Estiveram em Lisboa, onde foram presentes á junta especial que reuniu no dia 4, no hospital militar daquela cidade, os medicos, snrs. drs. Alfredo Peixoto e Joaquim Machado.

Por ordem da Secretaria da Guerra, vão ser inspeccionados os mancebos que remiram a obrigação do serviço activo e da primeira reserva, recenseados de 1911 a 31 de Dezembro de 1915 e que nunca foram inspeccionados.

Por intermedio da Administração do concelho, conforme o solicitado pelo sr. comandante do regimento de infantaria 20, foram avisados para recolher imediatamente áquele regimento, todas as praças do mesmo, no gozo de qualquer licença, incluindo licenças da junta.

Pelo Chefe do Districto de Recrutamento n.º 20, foram mandados afixar editais, tornando publico que, nos termos da Circular da Secretaria da Guerra n.º 21-R, de 14 de Setembro findo, são convocados, para efeito de inspecção, todos os mancebos recenseados no corrente ano e que foram isentos definitivamente, temporaria e condicionalmente pela junta do recrutamento daquele districto, e pelas juntas regimentais, bem como todas as praças que tiveram baixa do serviço militar por incapacidade fisica, desde 21 de Março ultimo até 7 do mês de Setembro findo.

Os referidos mancebos têm de apresentar-se munidos das suas resalvas definitivas, provisórias ou titulos de baixa, afim de serem substituidos por cedulas de inspecção, modelo n.º 4.

Falecimentos

Nas Casas Amarelas, freguesia de Polvoreira, faleceu ha dias, a sr. D. Felicidade da Gloria da Silva Costa.

Nas suas disposições testamentarias contempla o Asilo de Mendicidade com a quantia de 40 escudos.

Também faleceram a sr.^a D. Maria de Oliveira Castro, sobrinha do conhecido industrial sr. José António de Castro, e o sr. João Pião Fernandes, proprietário, da rua de Francisco Agra. Pezames aos doridos.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termiais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS AGUAS DO PAIS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
" disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
" administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma aula modelo com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.ª 7.ª classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Cientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artistica. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.ª ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.º corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.ª

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agência da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.ª

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

DOMINGOS VINACREIRO & F.ªs



CONFEITARIA

GÊNEROS DE MERCEARIA
—E—
CONFEITARIA
SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA
—DA—
BRAZILEIRA



PARISIENSE

AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesse

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$30 cent.
Semestre	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	\$08 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 27

Ao Cidadão